

STELLA

Revista Trimestral | Nº 693 | Ano LXXII | Janeiro a Março | 2019



ÁRVORES DO SAGRADO

O «SANTO» DE FIGUEIRÓ

ASSIM ERA FRANCISCO MARTO

ENCONTROS EVOCATIVOS DA VIDA DO APÓSTOLO DE FÁTIMA

ÍNDICE STELLA

FICHA TÉCNICA

Fundador:

Padre Manuel Nunes Formigão

Editora e Proprietária:

Congregação das Irmãs Reparadoras
de Nossa Senhora de Fátima
www.reparadorasfatima.pt
Tel.: 249 539 240

Diretora:

Inez Vieira

Assessores de redação:

Ana Ferreira
Clara Marto
Nuno Prazeres
Rafael Marques

Redação e Administração:

Rua Francisco Marto, 203
2495 - 448 FÁTIMA - Portugal
Tel.: 249534767
E-mail: stellaredacao@gmail.com

Assinaturas:

Anual: 10 €
Amigo e Estrangeiro: 20,00 €
Pagamento Adiantado, no início do ano,
por vale, cheque ou transferência bancária:
SANTANDER TOTTA
NIB: 0018 2257 00477331020 86
IBAN: PT50 0018 2257 00477331020 86
SWIFT / BIC: TOTAPTPL

EJ nº 212378 - Registo ERC 112380
ICS Depósito Legal nº 89333/95
NIF: 500835560

Design Gráfico:

Cátia Lopes de Freitas

Impressão:

Gráfica Almondina - Torres Novas
Tiragem: 2000 exemplares

Capa: Ilustração de Ana Oliveira

Com aprovação da autoridade eclesiástica

Estatuto Editorial:

<http://www.reparadorasfatima.pt/revista-stella>



02 - 03 | Ficha técnica | Índice

Fátima, Stella Mundi

04 - 05 | A Imagem Peregrina da Virgem de Fátima | Marco Daniel

06 - 07 | Singularidades da prática da adoração | José Nuno

08 - 09 | Dar Graças por Peregrinar em Igreja | Inês Vieira

10 - 11 | Assim era Francisco Marto | Albertino Dionísio

Fé e Vida

12 - 13 | Atualidade Eclesial | Manuel Saturino Gomes

14 - 15 | Árvores do Sagrado | Sílvia Patrício

16 - 17 | E Depois dos 65? | Leopoldina Reis Simões

18 | Ser Voluntária em Lichinga | Inês Maria Marques

19 | Encontros Evocativos da Vida do Apóstolo de Fátima | Amália Saraiva

Padre Formigão, o Homem e a Obra

20 - 21 | O «Santo de Figueiró» | Rafael Antunes Marques

22 - 23 | Manual de Reparação | Pedro Valinho

24 - 25 | Ação do Pe. Formigão | Margarida Rézio

26 - 27 | Ecos da sua terra Natal | Cidade de Tomar

Olhares da Stella

28 - 29 | Seis dias pela Polónia... | M. Carmo Frazão

30 - 31 | Ecos da Peregrinação 3 | Stella

32 | Próxima Peregrinação

33 | Estatuto Editorial | Campanha de Novas Assinaturas

34 - 35 | Publicidade



AMIGAS E AMIGOS DA REVISTA STELLA, FELIZ ANO 2019!

Uma saudação de paz!

Que alegria tentar, mais uma vez, idear convosco, o Novo Ano de 2019!

Convido a levarmos a sério o segredo da Encarnação, coração da fé cristã, entendendo-a como a chave, para a compreensão do cumprimento da História da Salvação, que se realiza na história da relação entre Deus e os Homens.

Só na relação com Deus começamos a suspeitar que o nosso Eu, tem uma estrutura algo diferente daquilo que nos parece sob o olhar despretenso do quotidiano. A relação com Deus é um circuito sem fim e sem princípio, como diz Santo Agostinho: “o amor com o qual amas Deus e a procura com a qual O procuras são o amor e a procura com os quais Deus te procura e te ama”.

Quando quero apresentar-me ao outro, ou se quiser compreender-me a mim próprio, começo por contar a minha história. Este sou eu no tempo, ao contrário de um animal ou de um objeto, não sou apenas «agora», mas, sim, uma ação auto observadora, que resulta desde o passado que trago comigo e «tenho» já agora, e em certo sentido, também o futuro em forma de esperança, planos e preocupações.

Desejo que seja assim: a fé ajuda na releitura da nossa história pessoal: lemo-la sob um novo ângulo, num contexto mais amplo, com distância e com perspetiva mais profunda. A compreensão da nossa vida vista pelos olhos da fé é uma história cujo autor oculto e realizador é Deus. A arte que Deus oferece à vida de cada um, pode ser reconhecida pela Sua generosidade Infinita, pela Sua confiança inexplicável acerca da nossa liberdade.

Mas quem sou na verdade? Sim o nosso eu, tal como o nosso Deus, deve ser para nós objeto de perguntas, dúvidas e buscas constantes. Também procuramos o nosso Eu e o nosso Deus através da narração da nossa história, se não escondermos a nossa emoção ao narrá-la. Apenas o coração

que não deixou de se emocionar com a inquietação santa pode, no final, descansar no mar da paz divina. O Espírito ensina-nos a orar olhando Cristo, do mesmo modo que somos olhados pela Sua Misericórdia, ensina-nos a pronunciar o Seu nome e a escutar a ternura com que Ele pronuncia o nosso nome.

Que o ano 2019 seja assim, para cada um de nós!

MIV, rf

A Imagem Peregrina da Virgem de Fátima, estratégia pastoral de alcance universal

MARCO DANIEL DUARTE

O dia 13 de maio de 1947 ficará na história de Fátima como o início da grande epopeia que poderia legendar-se a partir do seguinte mote: a Imagem da Virgem de Fátima faz-se peregrina dos seus peregrinos. Avaliada à distância que se exige ao historiador, a passagem da escultura branca pelos diferentes pontos do globo – em menos de uma década já tinha estado em todos os continentes – mostra-se como fortíssima estratégia pastoral para a difusão da Mensagem da Cova da Iria, a partir da qual se pode perceber a receção e a inculturação do culto mariano e, nalguns casos, do próprio catolicismo contemporâneo a uma escala global.

As primeiras peregrinações da Virgem de Fátima, no rigor da história, são as que acontecem com a Imagem venerada na Capelinha das Aparições (uma em 1942 e uma outra em 1946). Embora esta Imagem continue a ser solicitada e, em datas muito próximas destas, volte a sair da Cova da Iria, parece ter ficado claro nos decisores do Santuário que seria importante que essas saídas se fizessem de forma excepcional.

Ficava, contudo, inaugurado na história de Fátima um tema que merece peculiar atenção: o Santuário de Fátima, para além de ser um lugar centrípeto (isto é, que atrai os peregrinos), torna-se também num lugar centrífugo, desde logo pela Imagem que é aqui cultuada se fazer – ela própria – peregrina e, assim, ir ao encontro dos que a ela peregrinam.

Na verdade, não é tanto a Imagem venerada na Capelinha das Aparições, feita em 1920 por José Ferreira Thedim, que vai ser o rosto do que ela inaugurou. Trata-se, antes, do primeiro ramo de uma árvore iconográfica que nasce em Fátima e que vai depurar as vestes a fim de a aproximar da forma de expressão de Lúcia acerca da visão que teve da “Senhora mais brilhante que o sol”. Esta imagem, esculpida pelo mesmo José



[Foto_SF]

Ferreira Thedim, pertencia ao bispo D. José Alves Correia da Silva e foi este que a ofereceu quando surge a ideia de se iniciar uma peregrinação pelo mundo. É uma imagem mais simplificada, toda branca e apenas com um «fiinho dourado na orla do manto» (palavras de Lúcia numa carta de 1937). Tem também as mãos postas em oração, mãos que colocam a Virgem de Fátima na categoria das Virgens orantes ou, mesmo, suplicantes.

A esta imagem sucederam várias outras, ao longo das décadas, para que o Santuário da Cova da Iria pudesse dar resposta aos pedidos de todo o mundo. Sabendo os significados da Mensagem de Fátima no contexto das ideologias do século XX não é difícil, neste contexto, estabelecer a ligação ao tema que tantas vezes tem sido tratado pelos papas, sobretudo pelo Papa Francisco, acerca do que consubstancia uma “Igreja em saída” rumo às periferias, quer às periferias geográficas quer às periferias existenciais.

Se nos situarmos no dia 13 de maio de 1947, em que iniciou esse périplo sem precedentes, e avaliarmos as fontes que falam de como se preparou a primeira viagem, percebemos que a sua promotora, Maria Teresa Pereira da Cunha (1906-1988), enfrentou várias dificuldades para levar por diante tão grande empresa. De facto, como tantas outras iniciativas que corporizam a história de Fátima, também esta se deve ao mundo laical e, neste caso, à ação feminina, no contexto dos tra-

balhos do Conselho Nacional da Junta Católica Feminina, ideia que virá a beneficiar da disponibilidade de um padre belga, oblato de Maria Imaculada, Franz Demoutiez, e, mais tarde, de Maria Teresa Villasboas e de tantos outros que se juntaram a esta epopeia.

Passados oito anos, a Imagem da Virgem de Fátima já havia estado em todos os continentes; essa mesma imagem que, contabilizadas as suas passadas, ainda que por defeito, já trilhou mais de 629 080 km, o que corresponde a mais de 15 voltas ao mundo (15,7 voltas), tomando como medida o perímetro equatorial. Se quisermos outra ordem de grandeza, estes quilómetros equivaleriam a que a Virgem de Fátima já tivesse ido à Lua e já estivesse a regressar, passando já mais de meio caminho (1,63 vezes a distância da Terra à Lua).

Ainda que à laia de curiosidade, estes números são significativos sobretudo porque expressam uma pequena parte do que são as viagens das diferentes imagens peregrinas e porque ajudam a ler o que, de facto, parece ainda mais significativo sobre este episódio maior da história do catolicismo contemporâneo. Numa obra sobre a Virgem Peregrina de Fátima, essa dimensão universal deste fenómeno poderia ser historiável a partir de um índice como o que segue: o Santuário de Fátima como o lugar centrípeto e centrífugo; a intervenção política a partir da temática religiosa que intervéem na história humana; a vivência

da espiritualidade e da ritualidade de Fátima nos diferentes lugares do globo; a inculturação de Fátima no mundo; a abertura de novos territórios ao cristianismo. Todos estes tópicos, sob a égide da peregrinação da Virgem de Fátima, levarão a olhar para a Cova da Iria, como um centro difusor da forma crente de olhar a história, no qual se inscreve esta concreta estratégia pastoral de alcance mundial.

Doutor Marco Daniel Duarte
Departamento de Estudos do Santuário
de Fátima

Singularidades da prática da adoração na narrativa de Fátima

JOSÉ NUNO SILVA



Fátima traz algo de próprio à prática da adoração eucarística. E este modo especial com que a adoração se formula, a partir dos acontecimentos e da mensagem de 1916-1917, adquire uma especial relevância no contexto histórico em que se verifica. O primeiro momento da narrativa de Fátima é a adoração. Em 1916, na primeira aparição, o Anjo inicia os Pastorinhos nesta experiência oran-

te, prostrando-se com o rosto por terra e convidando-os a orar com ele: “Não temais. Sou o anjo da paz. Orai comigo. E ajoelhando em terra, curvou a fronte até ao chão. Levados por um movimento sobrenatural, imitámo-lo e repetimos as palavras que lhe ouvimos pronunciar: Meu Deus, eu creio, adoro, espero e amo-vos; peço-vos perdão para os que não creem, não adoram, não esperam e não vos amam.”

A afirmação da precedência da adoração, na relação com Deus, assume profundo significado num tempo que se escrevia a si mesmo, na autossuficiência arrogante do decreto da morte de Deus, expulsando-o para fora do horizonte da história do homem. Na experiência da adoração em Fátima, pode ler-se a emergência do sentido natural de Deus, quase instinto religioso, anterior à redenção e até à revelação, atitude que a antropologia religiosa identifica como ancestral e típica do homem diante da divindade, na sua onnipotente transcendência, diante da qual a razão se apaga não por negação, mas por insuficiência, para abarcar a experiência do “numinoso”, distinto do humano e mesmo do cósmico, o “mistério tremendo e fascinante” experienciado pelo homem, como o “totalmente outro”. Todas estas categorias, para refletir sobre a experiência religiosa, foram propostas por Rudolf Otto, teólogo protestante e historiador da religião, na sua obra “O Sagrado” fundamental para a antropologia religiosa e, curiosamente para nós no âmbito desta reflexão, publicada em 1917. A precedência da adoração, em Fátima, pode ser interpretada, como uma afirmação de teísmo no contexto de crescente ateísmo: a experiência do primeiro e mais radical ato do ser humano diante de Deus é a afirmação de que Deus é, é desde sempre e de que o homem é e é-o desde sempre naturalmente religioso, não apenas o *capax dei* de Santo Agostinho, mas o *homo religiosus* sedento de Deus de Mircea Eliade.

Esta reflexão sobre a adoração como expressão de religiosidade natural não pretende desclassificar a adoração na narrativa de Fátima. Pelo contrário, pretende aprofundar o significado desta especificidade teológica e espiritual de Fátima no conjunto das mariofanias. A adoração, na narrativa de Fátima, acontece como uma experiência cristã culmi-

[Foto_Stella]

nante, singularmente realizada, na integração da adoração, na oração ensinada pelo anjo, entre as três virtudes teologais. De facto, esta assunção da adoração entre a fé, a esperança e a caridade, os grandes movimentos do Espírito no crente, constitui um ponto alto, na cristianização desse ato natural do espírito humano diante da divindade. Em Fátima, a adoração apresenta-se como ato teologal, especificamente cristão, inserido entre os fundamentais dinamismos da graça, na experiência interior e na existência histórica do batizado.

Aliás, já no apelo inicial dirigido pelo anjo aos pastorinhos ecoa o apelo constantemente dirigido, na Sagrada Escritura por Deus ao homem, ao longo de toda a história da salvação – não temais – deve ler-se no movimento da superação da atitude religiosa natural marcada pelo temor/medo, diferente do temor reverencial progressivamente amoroso do mundo bíblico. O próprio ato da prostração, com o rosto por terra, deve ser interpretado à luz deste apelo, que o esvazia de qualquer conotação negativa, e o afirma como manifestação daquela atitude criatural/filial, que encontra na prostração adorante, o modo de dizer a consciência da dependência, e o espanto amante.

Um outro elemento se reveste de profundo significado histórico ao analisarmos o que é próprio na prática da adoração na narrativa de Fátima: a associação da intercessão ao próprio dinamismo da adoração; aliás, mais do que de simples associação, podemos falar mesmo de integração nuclear da solicitude pelos outros – os que não creem, não adoram, não esperam e não amam – na adoração, como se a assemelhação cristã do segundo ao primeiro mandamento (o amor ao próximo semelhante ao amor a Deus) se plasmasse nesta configuração intercessora da adoração em Fátima, um modo de adorar próprio do tempo do individualismo, que se ergueu sobre a morte de Deus e dá lugar à morte do outro, processo cultural de profundo significado espiritual e moral evidente na radicalização narcisista contemporânea, com intensa repercussão social e económica.

Significativo no contexto da presente reflexão é o ambiente trinitário e eucarístico em que, a partir da terceira aparição do anjo, se situa a adoração. Se, do ponto de vista

antropológico, a centralidade da adoração em Fátima pode ser lida como afirmação teísta num contexto ateu, a verdade é que muito mais profundamente, ela se assume como experiência – não somente discurso – da identidade de Deus: Deus é este Deus, o Deus revelado, o Deus da criação e da redenção e da santificação, Deus Trindade e Eucaristia. Para este ato de adoração trinitário e eucarístico, máxima manifestação da alma crente, diante da máxima manifestação do mistério cristão de Deus, foram projetados os pastorinhos na conclusão da primeira aparição de Maria, em 13 de maio: “Então, por um impulso íntimo também comunicado, caímos de joelhos e repetíamos intimamente: – Ó Santíssima Trindade, eu vos adoro. Meu Deus, meu Deus, eu Vos amo no Santíssimo Sacramento.”

Pe. Doutor José Nuno Silva

Departamento Pastoral da mensagem de Fátima

Novo Ano: dar Graças por peregrinar em Igreja

INÊS VIEIRA

O santuário de Fátima apresentou o mote para o Novo Ano Pastoral, no primeiro domingo do Advento: “Tempo de graça e de misericórdia”: dar graças por peregrinar em Igreja”.

O Reitor do Santuário na apresentação do tema destacou os seguintes aspetos: “A mensagem de Fátima põe em destaque a dimensão eclesial – a consciência de sermos povo de Deus, que exprimimos com o tema: ‘Dar graças por peregrinar em Igreja’. Esta dimensão eclesial da mensagem faz-se patente de forma muito explícita, no chamado ‘Segredo’, na referência ao ‘Bispo vestido de branco’ e à Igreja peregrina e mártir”. Esta consciência de ser Igreja experimenta-se, em Fátima, de “muitos modos”, desde a participação nas celebrações sacramentais; nas assembleias crentes que aqui se reúnem para a expressão comum da fé, para adorar a Deus e dar-Lhe graças, em união e comunhão com o Papa Francisco. O tema do ano pastoral pretende ainda sublinhar, que esta experiência de ser Igreja é dinâmica: “é uma peregrinação” e, que as Aparições de Fátima são consolo que Deus oferece aos membros da sua Igreja peregrina, como auxílio, ao longo do caminho. Maria apresenta o seu Coração Imaculado como refúgio e caminho a quem se coloca na atitude de peregrino”.

O santuário de Fátima pretende ajudar-nos a refletir sobre o sentido da peregrinação, e de uma forma especial, sobre os traços mais característicos da peregrinação a este Santuário, onde se faz uma forte experiência de Igreja, como lugar onde Deus congrega a Igreja e reúne o seu povo. Por isso, o presente Ano Pastoral, que agora se inicia, convida-nos a encarar a mensagem de Fátima, como meio para conseguir uma maior consciência eclesial e caminho eficaz para fortalecer o sentido de pertença eclesial, nomeadamente através da experiência comunitária da peregrinação.

O novo Ano Pastoral será o segundo de um triénio, que inicia o segundo século de Fátima, e que está a ser vivido como um “Tempo de Graça e de Misericórdia”. A dinâmica de vida do Santuário de Fátima neste segundo século, continuará a ser “um caminho feito a nível celebrativo, com o cuidado particular das celebrações, a oferta de propostas de reflexão e aprofundamento da mensagem de Fátima e a oferta cultu-

ral que se expressa através de múltiplas linguagens próprias para falar de Fátima”.

Uma nova exposição temporária do Santuário, foi inaugurada, ao início da tarde, desse dia, intitulada “Capela-Múndi”, que comemora o centenário da construção da Capelinha das Aparições, e que a apresenta como um dos mais importantes ícones do Santuário de Fátima.

Esta exposição propõe ao visitante uma narrativa que se desenvolve em nove núcleos expositivos, e que desvelam chaves de leitura sobre como a pequena capela branca que se tornou no centro das atenções de uma boa parte da humanidade, que se dispõe a peregrinar ao Santuário, e não só. Através das variadas técnicas de comunicação, que são utilizadas neste Santuário, poderemos seguir o que se passa na Capelinha, nos quatro cantos do mundo.

O cuidador desta Exposição, Doutor Marco Daniel, consegue mostrar-nos através de um diálogo metafórico constante entre peças de arte contemporânea e antiga, de várias disciplinas artísticas, como pintura, escultura, ourivesaria e tapeçaria, a exposição “Capela-Múndi” que apresenta a Capelinha das Aparições como resultado da insistência popular junto da hierarquia religiosa de então, em fazer cumprir o pedido da Virgem, deixado na sexta Aparição de 13 de outubro de 1917, do qual as crianças videntes se afirmavam depositárias: “façam aqui uma capela”.

O diácono Rui Ruivo, na sua alocução, destacou ainda que o mandato: ‘Quero dizer-te que façam aqui uma capela’ leva-nos a olhar Fátima como um lugar onde a Igreja se torna verdadeiramente católica, universal, abrindo-se ao mundo e a todos acolhendo, evidenciando os sentimentos de amizade e fraternidade, próprios da peregrinação, como uma viagem que pressupõe sempre uma abertura ao outro e às suas dores, ou como “um lugar” onde se experimenta a “fraternidade em igreja”, através da qual se procura um sentido e uma proximidade a Deus.

“Quem vem a Fátima traz as suas dores mas também as dos outros. É isto que significa peregrinar em Igreja”, porque a solicitude eclesial diz-nos que sempre que “alguém sofre eu sofro também. A experiência da alteridade é aquilo

[Foto_ António Marto]



que Fátima proporciona pois o verdadeiro sentido da vida, não é chegar sozinho, não é chegar primeiro, mas chegarmos juntos.”

No santuário de Fátima peregrinamos em Igreja não só nos grandes acontecimentos, como a vinda do Papa, onde facilmente nos vemos e sentimos fazendo parte da Igreja, mas no quotidiano deste Santuário. Numas e noutras situações, somos sempre peregrinos em Igreja, afirmou Rui Ruivo, lembrando que “o Santuário é ele próprio peregrino” porque regressa com os peregrinos que aqui vêm. Abre as suas portas e muitos são os que fazendo-se peregrinos vêm à Cova da Iria, como quem entra no íntimo do seu quarto, e vêm pedir, agradecer e louvar, ouvir, crer e chorar”, destacando que desde sempre foi assim, a partir do momento em que Nossa Senhora pediu que aqui se fizesse uma capela.

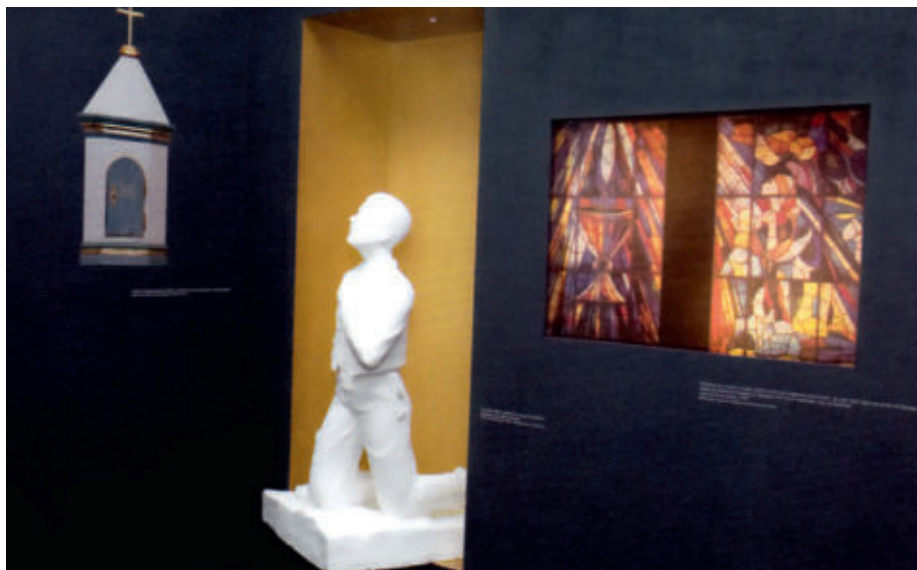
O Presidente desta sessão, Cardeal D. António Marto, teve a palavra conclusiva para confirmar que a Igreja é “peregrina na História” que “ainda não chegou à plenitude, está em permanente conversão e renovação”. A peregrinação é uma característica da Igreja, que no Pentecostes saiu para anunciar a Boa Nova de Cristo. Neste novo ano, a Igreja é convidada a prosseguir a sua peregrinação no mundo. Sendo peregrina na História é chamada a crescer na fé e no testemunho, é chamada a renovar-se, pois “sobre ela cai a poeira da história, deste tempo em que que vivemos.” Ninguém pode desanimar pois em Fátima e a partir de Fátima, somos guiados por Nossa Senhora.

Ir. Inês Vieira, rf

Assim era Francisco Marto

ALBERTINO DIONÍSIO

[Fotos_ Stella]



Ao longo do ano de 2019, dois acontecimentos serão celebrados: o centenário da morte do Francisco Marto, em 4 de abril de 1919, e a Construção da Capelinha nos meses primaveris de 1919.

Assim era Francisco...

O Pe. Formigão como os outros cronistas que se seguiram, teve dificuldade para escrever sobre o Francisco, um rapaz do campo bastante tímido perante estranhos. Mas a Lúcia sua prima, que convivia com ele todos os dias, tinha outra opinião acerca do Francisco. Ela conta que Francisco procurava sempre fugir às visitas importunas, mas os três pastores continuavam a ir à Cova da Iria, a rezar em comum e a fazer juntos o caminho da escola que, nesse tempo, não era obrigatória. Por isso, o Francisco, a quem Nossa Senhora tinha prometido levar brevemente para

o Céu, ficava muitas vezes na igreja, junto de Jesus escondido, porque não valia a pena aprender a ler, pois iria em breve para o céu, e pedia à Lúcia que quando voltasse da escola, o fosse chamar.

Do perfil de Francisco sobressai o seu jeito pacífico e sereno. A partir das aparições do Anjo e de Nossa Senhora desenvolveu um estilo de vida caracterizado pela adoração e pela contemplação. Francisco tinha de facto uma alma de místico. Sempre que podia, refugiava-se num lugar isolado para rezar. Frequentemente, passava longas horas no silêncio da Igreja paroquial, junto do sacrário, manifes-

tando uma profunda devoção à Eucaristia. Quando passava perto da Igreja, dizia sempre para a prima e para a irmã, para olharem pelas ovelhas, porque ele ia fazer um bocadinho de companhia a «Jesus escondido».

Na sua intimidade com Deus, Francisco entrevê um Deus triste face aos sofrimentos do mundo; sofre com Ele e deseja consolá-Lo. Sendo o mais contemplativo dos três videntes, a sua vida de oração alimenta-se da escuta atenta do silêncio em que Deus fala. Deixa-se habitar pela presença indizível de Deus – «Eu sentia que Deus estava em mim, mas não sabia como era!» – e é a partir dessa presença, que acolhe os outros na oração.

No fim de outubro de 1918, o Francisco adoeceu com a influenza pneumónica e depois dele, as irmãs, e os irmãos e a mãe, só ficando ele de pé. No mês de janeiro, a força da febre começou a deixar o Francisco pela segunda vez, tanto que se levantou da cama e foi à Cova da Iria, fazendo uma vida normal. (de Marchi, pág. 233)

O Francisco foi o primeiro da família a adoecer gravemente, e obrigado a recolher à cama, ele continuava a mostrar tão boa disposição que era querido de toda a gente. As pessoas vinham visitá-lo, sentavam-se na borda da cama, como era costume naquele tempo, olhavam para ele e, embora não lhe ouvissem muitas palavras, ao sair confidenciavam que não sabiam o que tinha o Francisco, mas sentiam-se bem junto dele. Era um mistério que

não entendiam. Era a visita da Lúcia que o Francisco mais desejava. Com ela conversava muito, abria-lhe o coração e fazia-lhe muitas confidências. Um dia, pediu-lhe para ela ir à Igreja dar muitas saudades suas a «Jesus escondido», pois a única pena que tinha, era de não poder ir à igreja e estar lá uns bocadinhos.

A família não tinha meios para os cuidados de saúde num hospital, e a febre foi-se agravando, em casa dos pais, sem assistência médica, pois não havia a quem recorrer. Nos tempos de aflição recorriam, mesmo para a família dos pastorinhos, à devoção mais antiga da Senhora da Ortiga, que tinha um valor mais seguro do que a recém aparecida, a Senhora da Carasqueira, que não tinha imagem, nem sequer uma capela para se ir rezar. O Pe. Formigão registou nas suas notas (DCF 3-2 Doc 469):

“A madrinha do Francisco, Teresa de Jesus, disse-lhe um dia: - *Se melhorares hei de te pesar a trigo para oferecer a N^a Sra. da Ortiga*. Ele respondeu: *Já não é a tempo*. Disse-lhe isso mais de uma vez”.

No dia 2 de abril de 1919 confessou-se e no dia 3 recebeu o viático e disse para a Jacinta: - «hoje sou mais feliz que tu porque tenho no meu peito o 'Jesus escondido'» e suspirava por nova visita de Jesus. Mas a sua vida começou a apagar-se lentamente. Lúcia e Jacinta passaram quase todo o dia à beira dele, e de vez em quando, pronunciava com muita dificuldade:

-«Eu vou para o Céu!» E já sem forças para rezar, recomendou: «Rezai vós o terço por mim». Lúcia despediu-se pedindo que não se esquecesse dela no céu e ele assim prometeu.

No dia 4 de abril, pelas 22H00, disse para a mãe que via uma luz muito bonita, junto da porta e morre serenamente, em êxtase a contemplar essa luz, rodeado pelos familiares.

Desta vez, não apareceram correspondentes dos jornais, nem fotógrafos para fazer a notícia do passamento daquele que tinha visto Nossa Senhora.

O Visconde de Montelo prestou-lhe a sua homenagem quando retomou, em agosto, a publicação dos seus artigos no jornal da Guarda: «Um dos protagonistas do maravilhoso drama da serra d'Aire, o humilde e inocente pastorinho, já não pertence a este mundo. A epidemia broncopneumónica, quase ao declinar, roçou com a sua asa negra a pobre criança, ferindo-a de morte». E, mais tarde acrescentou: “Sem agonia, sem um gemido, sem um ai, com um ligeiro sorriso à flor dos lábios, a alma daquele anjo da terra desprendia-se suavemente dos frágeis liames do corpo, e voava para o seio de Deus... Os seus despojos mortais jazem sepultados em campa rasa no humilde cemitério paroquial de Fátima” (1930).

Em 13 de março de 1952, os seus restos mortais foram trasladados para a Basílica de Nossa Senhora do Rosário, no Santuário de Fátima.

Albertino Dionísio, estudante



Atualidade Eclesial

Atividade Internacional da Santa Sé

MANUEL SATURINO GOMES



Muitos confundem Santa Sé com Estado da Cidade do Vaticano, pois habitualmente encontramos referências, mesmo nos jornais católicos, à menção de Vaticano, quando se trata da Santa Sé, e da Santa Sé, quando se trata do Estado do Vaticano. Para dar um exemplo, a nossa Concordata, de 18 de maio de 2004, foi assinada entre a Santa Sé e a República Portuguesa. Mas não será desta vez que faremos a distinção jurídica das duas realidades institucionais.

Todos os anos, em janeiro, o Santo Padre recebe, no Vaticano, os Embaixadores dos países e instituições que estão acreditados junto da Santa Sé, a quem lhes dirige um discurso importante. Segundo os dados divulgados em 8

de janeiro de 2018 (pois quando escrevemos o artigo, não obtivemos informação mais atualizada), são 183 os Estados que mantêm relações diplomáticas com a Santa Sé; a estes Estados deve-se acrescentar a União Europeia e a Ordem Soberana Militar de Malta.

Por sua vez, o Papa nomeia Núncios Apostólicos como seus representantes em diversos países, espalhados pelo mundo, bem como Observadores junto de instituições da ONU, da União Europeia e de outras Uniões. São Bispos, com dignidade de Arcebispo, que agem em nome do Papa e da Santa Sé. Em Portugal, o Nuncio Apostólico, o Arcebispo Rino Passigato, desenvolve uma missão importante não só junto do Estado português como também junto do Episcopa-

[Fotos_ Internet]

do, de acordo com as competências definidas canonicamente.

No longo e construtivo discurso proferido ao Corpo diplomático acreditado junto da Santa Sé, a 8 de janeiro de 2018, o Papa Francisco declarava: «A Santa Sé não pretende interferir nas decisões que competem aos Estados: a eles cabe – à luz das respetivas situações políticas, sociais e económicas, bem como das próprias capacidades e possibilidades de receção e integração – a responsabilidade primeira do acolhimento. Mas ela considera que deve desempenhar um papel de «recordação» dos princípios de humanidade e fraternidade, que fundamentam toda a sociedade coesa e harmoniosa. Nesta perspetiva, é importante não esquecer a interação com as comunidades religiosas, tanto institucionais como associativas, que podem desempenhar um papel valioso de reforço na assistência e proteção, de mediação social e cultural, de pacificação e de integração».

Se percorrermos os discursos do Papa Francisco e dos seus predecessores ao Corpo diplomático, seja junto da Santa Sé bem como nas viagens apostólicas fora de Itália, facilmente depreendemos os aspetos fundamentais ínsitos no coração da Igreja: a defesa da dignidade humana, a paz, a promoção da vida, o bem-estar das populações, a eliminação das desigualdades sociais, a condenação da guerra e da violência, a educação, a proteção dos mais indefesos, a proteção dos migrantes, refugiados e minorias, a defesa e desenvolvimento dos direitos humanos, em particular o da liberdade religiosa.

E porque a 10 de dezembro de 2018 ocorreu o 70º aniversário da assinatura da Declaração Universal dos Direitos do Homem, ouçamos o Papa Francisco no citado discurso: «Na verdade, para a Santa Sé, falar de direitos humanos significa, antes de mais nada, repropor a centralidade da dignidade da pessoa, enquanto querida e criada por Deus à sua imagem e semelhança. O próprio Senhor Jesus, ao curar o leproso, restituir a vista ao cego, sentar-se à mesa com o publicano, poupar a vida da adúltera e convidar a tratar do viandante ferido, fez-nos compreender como cada ser humano, independentemente da sua condição física, espiritual ou social, seja merecedor de respeito e consideração. Segundo



a perspetiva cristã, há uma significativa relação entre a mensagem evangélica e o reconhecimento dos direitos humanos, lidos no espírito dos compiladores da «Declaração Universal dos Direitos do Homem».

A diplomacia da Santa Sé, através dos seus representantes, mesmo nos países onde não exista uma maioria católica, age com espírito evangélico e não político, com diálogo e silêncio, para que a mensagem evangélica possa penetrar na política, sempre em defesa do bem da pessoa humana. Por seu lado, os Embaixadores acreditados junto da Santa Sé, entre os quais se inclui o Embaixador português, devem estar atentos à especificidade da Igreja, numa linha de respeito e de cooperação, tendo como centro a pessoa humana.

Pe. M. Saturino Gomes, scj
Auditor do Tribunal da Rota Romana

As árvores do Sagrado

SÍLVIA PATRÍCIO



A coleção ÁRVORES DO SAGRADO é uma interpretação de Sílvia Patrício, que numa leitura pessoal da Bíblia, procurou a referência da árvore nos textos sagrados, desde as visíveis, ainda hoje existentes no nosso planeta em vários quadrantes geográficos, às árvores do invisível, que habitam o nosso imaginário (por exemplo a árvore da vida).

São onze as árvores aqui representadas, sendo que cada uma, é subdividida em espelho (direito e esquerdo), numa alusão ao que se encontra oculto (a raiz). Carregam em si, elementos simbólicos alusivos a episódios descritos na Bíblia. Como por exemplo, o caso do salgueiro onde surge uma harpa. No livro dos Salmos, 137, podemos ler:

¹ Junto aos rios da Babilónia nos sentámos a chorar, recordando-nos de Sião.

² Nos salgueiros das suas margens pendurámos as nossas harpas.

³ Os que nos levaram para ali cativos pediam-nos um cântico; e os nossos opressores, uma canção de alegria: "Cantai-nos um cântico de Sião."

⁴ Como poderíamos nós cantar um cântico do Senhor, estando numa terra estranha?

AS ÁRVORES DO SAGRADO convida-vos a descobrir formas e interpretações muito próprias dos lugares e episódios da história, através do mundo botânico, portador desde sempre de simbologias, iconografias, mensagens e códigos.

(este texto pertence à exposição AS ÁRVORES DO SAGRADO, bilingue)



A Stella acrescenta ainda que a árvore é um dos símbolos mais conhecidos pela humanidade. A sua forma longa e vertical simboliza o centro do mundo ligado ao mundo inferior, a Terra aos Céus.

Na Bíblia Hebraica, encontramos diversos exemplos de árvores assim como nas culturas adjacentes do Próximo Oriente. Merecem destaque as árvores centrais do Jardim do Éden: a Árvore da Vida e a Árvore do Conhecimento. A árvore sagra-

[Fotos_ António Marto]

da pode proporcionar, além da dádiva da vida ou do conhecimento, rejuvenescimento, virtude, fertilidade, conexão de mundos, abrigo para deuses, entre muitos outros usos em rituais e mitologias antigos.

O poder vegetal de crescimento e frutificação e os benefícios concedidos aos homens, como a sombra, a madeira e os frutos, impulsionaram a imaginação humana.

Desde os primórdios da civilização que a oliveira contém em si uma forte e abrangente simbologia: símbolo da vitória e da paz na Grécia Antiga. De facto, nos Jogos Olímpicos, o primeiro classificado recebia como premiação uma coroa de louros com folhas de oliveira. Para os cristãos e também para os povos islâmico e judeu, a oliveira é considerada como árvore sagrada, simbolizando a presença de Deus entre os seres humanos. Na verdade, no livro sagrado cristão, a Bíblia, o azeite é utilizado como símbolo da presença do Espírito Santo de Deus. O óleo ou o azeite da oliveira, era um dos principais produtos da Terra Prometida; símbolo da riqueza e da abundância, servia para comer, iluminar (Mt 25, 3-4.8); curar feridas (Lc 10,34 e Tg 5, 13-15); fazer perfumes (Sl 133,2); e ungir sacerdotes e reis (1Sm10,1; 16,1-13 e 1Rs 1,39).

Era também sinal de purificação como podemos verificar através da citação do escrito grego Virgílio na sua obra Eneia: “E com um ramo de oliveira o homem se purifica totalmente”.

Há várias simbologias interessantes a respeito da nobre árvore bíblica.

“É um vegetal muito versátil, principalmente em terras difíceis de cultivar, como era o caso da Terra Santa nos tempos bíblicos – o que hoje foi resolvido com muito sucesso com o avanço tecnológico”. (Lemos na legenda da imagem: Oliveiras do Templo de Salomão).

A oliveira, bela árvore de tronco retorcido, cresce e frutifica até mesmo em solos com pouca água. Há um significado espiritual muito forte quanto à sua durabilidade: mesmo que se queime ou corte uma oliveira, ela é capaz de brotar novamente de suas raízes – por isso mesmo representa perseverança e fidelidade sob qualquer circunstância.

Uma oliveira leva cerca de 15 anos para chegar à maturidade

e frutificar, mas, a partir daí, pode dar frutos por séculos seguidos, fartamente. Isso se compara à vida do cristão verdadeiro, que, ao cuidar de sua entrega verdadeira a Deus e Sua vontade dia após dia, colherá a Vida Eterna ao lado do Pai, como um de Seus escolhidos. As raízes de um pé de oliveira aprofunda-se bastante no solo, devendo-se a isso boa parcela de sua famosa resistência. Um cristão bem fundamentado em sua fé, é indiscutivelmente mais forte contra tentações que tendem a desviá-lo da vida de Deus que o habita.

Dra. Sílvia Patrício

Artista Criadora da imagem oficial de Francisco e Jacinta



Salgueiro

Há vida depois dos 65?

LEOPOLDINA SIMÕES

No início do ano que corre tive oportunidade de conhecer o grupo “Movimento e Cor depois dos 65” e, de novo, pude confirmar que o mundo em que vivemos não é apenas construído de grandes feitos e façanhas, mas também de pequenos lugares, gestos e iniciativas de bem e de atenção ao próximo.

De forma mais ou menos estruturada, outras instituições e grupos trabalham com afinco na organização de celebrações e iniciativas dirigidas de modo especial ou em exclusivo às pessoas com mais de 65 anos de idade.

Permito-me aqui destacar outras que melhor conheço, como os retiros e peregrinações dos doentes a Fátima organizados pelo Movimento da Mensagem de Fátima, e a peregrinação dos avós, a 29 de junho de cada ano, memória litúrgica de S. Joaquim e Santa Ana, entre outras peregrinações e celebrações levadas a cabo pelo Santuário de Fátima.

No caso das iniciativas organizadas por estruturas da Igreja, trata-se de ocasiões demonstrativas da estima e atenção aos mais velhos, numa linha que, ao vincar a pastoral da peregrinação, não deixa de fora a pastoral da pessoa idosa.

Embora o objetivo destes organismos e movimentos, de trabalho diário ou esporádico, de serviço público ou particular, seja o cuidado, atenção e confraternização para com mais velhos, o sentido de muitas das ações serve também de homenagem à faixa da população que ajuda a construir a memória daquilo que somos.

O que mais surpreende quando se acompanham as iniciativas realizadas é testemunhar a alegria verdadeira de viver, a festa do reencontro de velhos amigos e conhecidos e o entusiasmo de quem gosta de dançar e de cantar as canções antigas que tão bem conhece.

Tenho para mim, sem me considerar uma saudosista inveterada, que o futuro se faz de uma ligação firme e continuada com o passado, como que uma linha invisível, marcada pela chamada solidariedade geracional, que pode facilmente ser ampliada das questões económicas, ecológicas e sociais para as áreas sociológicas, antropológicas e também religiosas.

Não podemos escamotear que na nossa sociedade estamos formatados para mais facilmente recebermos, cuidarmos e criarmos das crianças, vistas como aquilo que são – uma bênção e sinal de um futuro melhor – do que para cuidar e acompanhar os mais velhos.

Por isso, são tão importantes as ações de sensibilização junto dos mais jovens, para que um dia saibam atender e respeitar com alegria os seus pais e avós, como farão com os seus filhos.

Quem tem junto de si idosos conhece bem a satisfação que os mais velhos têm em partilhar tempo, uma história, um passeio, uma oração, um “bom dia”, um “até amanhã”. É isto que ajuda a construir relação humana, a história pessoal e comunitária.

A preservação das histórias, da identidade familiar e local, e também da tradição religiosa, saem valorizadas com este aproximar de gerações, com o estreitar de laços, que, a certa altura, se alargam da família próxima e da vizinhança, para toda a família humana, muito por força também das novas tecnologias, que permitem que um acontecimento local vivenciado por alguns possa ser acompanhado e vivido por muitos outros.

Enquanto observava o Convívio Movimento e Cor, recentemente realizado em Fátima, vinham-me à memória as palavras de Laurinda Alves, dirigidas aos médicos por ocasião do Encontro Nacional da Associação dos Médicos Católicos Portugueses, em abril último: “Para o que dizemos e o que calamos há técnicas infalíveis: perguntar, falar e ouvir. A técnica da escuta ativa é extraordinariamente eficaz e funciona sempre”.

Laurinda Alves referia-se à comunicação doente-paciente, mas a técnica da escuta ativa também serve bem outro tipo de relações humanas. A meu ver, o segredo é este, sem paternalismos, pegar nas mãos, perguntar, ouvir e falar, olhar frente a frente uma faixa da população tantas vezes deixada sozinha após uma vida dedicada. Sorrir, rir e chorar juntos.

Desde os primeiros momentos do seu pontificado, o Santo Padre Francisco tem sublinhado a necessidade

[Foto_Internet]



da atenção e da oração pelos idosos, naquilo que podemos considerar o seu apostolado pessoal pela pastoral da pessoa idosa. Permitimo-nos destacar as várias catequeses realizadas durante o ano de 2015, o pedido de oração que lançou em dezembro de 2016 e, entre outras mensagens e discursos, mais recentemente, no IX Encontro Mundial da Família quando exortou exatamente à proteção dos direitos dos mais frágeis, dos nascituros ou dos mais idosos.

Já em 2016, aquando da recepção no Vaticano aos representantes de Associação Nacional Trabalhadores Idosos, o Papa reafirmara que a Igreja olha para as pessoas idosas com afeto, gratidão e grande estima, por serem parte essen-

cial da comunidade cristã e da sociedade, e por representarem as raízes e a memória de um povo.

O apelo ao cuidado aos outros não é, portanto, novidade, no nosso caminho, mas cada novo grão de bem que é semeado, ajuda à transformação do mundo.

Dr^a Leopoldina Reis Simões
Assessora de Comunicação

A minha experiência de voluntariado em Lichinga

INÊS MARQUES



Entre os dias 15 de julho e 9 de agosto de 2018 deste ano, realizei a minha primeira experiência de voluntariado a nível internacional, na missão das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima, em Lichinga, Moçambique.

A minha ação desenvolveu-se essencialmente no jardim de infância “Os Três Pastorinhos”, que acolhe crianças dos 2 aos 5 anos, apoiando as Irmãs Mónica, Saviana e Albertina, bem como as funcionárias da escolinha, em tudo o que elas e as crianças necessitassem. De modo particular acompanhei o Benjamim, que é um menino que nasceu com paralisia cerebral, tendo limitações na mobilidade e na fala, o que foi um grande desafio, uma vez que requeria uma atenção redobrada. Apesar de tudo, era uma criança que estava

sempre bem disposta, com um sorriso contagiante, e que se pudesse passava as 24h do dia a brincar no escorrega. Contagante era também o sorriso de todas estas crianças, que, apesar de todas as carências e dificuldades por que passam diariamente, são para todos nós, que vivemos numa sociedade de consumo, um testemunho e exemplo.

Para além disso, este período que passei em Lichinga permitiu-me conhecer um pouco da comunidade local, bem como a sua cultura e tradições, conseguindo com isso ter uma perspetiva diferente do que é essencial e supérfluo na vida humana.

Uma palavra de reconhecimento e admiração pelo trabalho desenvolvido pelas Irmãs Reparadoras desta missão, incansáveis em proporcionar àquelas crianças uma vida e educação melhores, para além do seu inestimável contributo à comunidade envolvente.

Finalmente, considero que foi uma experiência muito enriquecedora, fui com o objetivo de dar e acabei por receber ainda mais, retendo toda a alegria e espontaneidade daquele povo. Quero aproveitar aqui para desejar um Feliz Ano de 2019 para a Missão de Lichinga e um bem-haja a todos!

Inês Maria Pedrosa Antunes Marques
Estudante





Espaço Padre Formigão

Casa do Apóstolo de Fátima

Encontros Evocativos da Vida do Apóstolo de Fátima

As Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima promovem um ciclo de encontros evocativos da pessoa e vida do Apóstolo de Fátima, o Venerável Padre Manuel Nunes Formigão, com a seguinte programação:

17 de fevereiro de 2019

Evocação do batismo do Venerável Pe. Manuel Nunes Formigão.

- Acolhimento no Espaço Padre Formigão – Casa do Apóstolo de Fátima.
- Visita guiada ao Espaço Museológico – Veste batismal.
- Momento de reflexão: “O batismo como chamamento à santidade” por Pe. Mário Farinha Duarte, Pároco da Igreja de S. João Baptista de Tomar.
- Momento musical pelo Ensemble Musical Solenne Spirituoso.

07 de abril de 2019

Evocação da ordenação sacerdotal do Venerável Pe. Manuel Nunes Formigão.

- Acolhimento no Espaço Padre Formigão – Casa do Apóstolo de Fátima.
- Visita guiada ao Espaço Museológico – Alfaias litúrgicas.
- Momento de reflexão: “O sacerdócio como caminho de santidade” por D. José Manuel Cordeiro, Bispo de Bragança.
- Oração pelos sacerdotes da autoria do Venerável Pe. Formigão.

29 de setembro de 2019

Evocação do primeiro interrogatório aos Pastorinhos realizado pelo Venerável Pe. Manuel Nunes Formigão.

- Acolhimento no Espaço Padre Formigão – Casa do Apóstolo de Fátima.
- Visita guiada ao Espaço Museológico – Manuscrito original do interrogatório.
- Leitura do interrogatório aos Pastorinhos no dia 27 de setembro de 1917.
- Debate.
- Hino ao Venerável P. Formigão: “Anda o seu nome lembrado.”

Contacto: 249 539 240
Rua Francisco Marto 203
2495-448 Fátima

O «Santo» de Figueiró!

RAFAEL JOSÉ ANTUNES MARQUES

[Fotos_ Stella]



O santo de Figueiró! Era assim que o Dr. Formigão era conhecido por aquelas paragens, ainda em vida, e é assim que continua a ser lembrado mais de meio século depois da sua morte.

Se a passagem do fundador por Meixomil deixou saudades nas pessoas que ali moravam, em Figueiró as marcas foram também muito profundas. Aquela nova freguesia amou de tal maneira este sacerdote, que a nova geração de pessoas que o conheceu enquanto crianças, jamais o conseguiu olvidar, havendo muitos que lhe rezam diariamente, obtendo “do seu santinho”, como carinhosamente lhe chamam, muitas graças, chegando ao ponto do seu retrato andar nas suas carteiras ou estar colocado em cima das mesas de cabeceira.

Apesar da passagem por Figueiró ter sido marcada na vida deste sacerdote, por intenso sofrimento físico, não deixava de fazer a sua pastoral de confessor e de visita aos doentes e pobrezinhos. Sempre que possível levava consigo a sagrada comunhão para dar àqueles que se viam impossibilitados de se deslocarem à igreja local. Aproximava-se dos infetados com o seu à vontade de sempre, pois via naqueles irmãos a presença viva de Jesus abandonado. Um dia, certo tuberculoso manifestou-lhe ardente desejo de comer um pouco de carne de perdiz. No dia seguinte, sem que nada o fizesse prever e sem olhar a sacrifícios, o Pe. Formigão fez chegar àquela casa uma perdiz já arranjada e pronta a cozinhar.

A relação do servo de Deus com os bens materiais era de sempre os canalizar para os mais pobres e necessitados. O bom Cónego fazia chegar as suas esmolas e ofertas às pessoas que, ao visitar, verificava viverem em grandes dificuldades. Não raro, várias donas de casa encontravam dinheiro debaixo das rendas da sala de visitas quando procediam à sua limpeza, concluindo que só o Dr. Formigão o poderia ter ali deixado. Tudo dava e nada queria receber em troca. Foi assim a vida deste homem de Deus!

Ainda assim, vivia em paz consigo mesmo e em perfeita harmonia com as suas Irmãs, tendo muito gosto e estima pela Casa do Imaculado Coração de Maria. Ouçamo-lo numa carta datada de 25 de maio de 1950, enviada à sua irmã Antónia Formigão, onde relata de forma encantadora a vivência naquele imóvel: “O palonço está cada vez mais manso e mais palonço. O porquito de leite, tirado à mãe e aos irmãos, todo branco e muito bonito, é mansíssimo como nunca vi outro, muito dado a prestar-se a andar ao colo como uma criança. Temos um frango também muito manso e muito dado, mas que se lembrou de armar em doutor e ainda em tutor do porquito, de cuja paciência abusa chegando a saltar-lhe para o pescoço a dar-lhe picadas que decerto são os beijos dele. É mesmo palonço de todo. Quero ver se to levo para o Souto, senão são capazes de o levar à degola. Foi a Carmo que o pediu à Maria da Fé para mo oferecer. Duas andorinhas vivem na nossa casa, onde fizeram ninho, convivem connosco aos recreios e são duma familiaridade encantadora.

O quintal está todo um mimo. Temos couves da horta, repolhos, nabos, nabiças, favas, feijão verde, ervilhas, abóboras, alfaces, cenouras, couves de corte, grelos de couve de nabo, salsa, hortelã, erva cidreira, um grande talhão de erva para o gado miúdo que se apanha aos cestos, marmelos, pêssegos, peras, cebolas de semente, alhos, melões semeados, grandes talhões de batatas e, além da vinha, linda e com fartura de uvas a crescer que, como um enorme dossel, cobre toda a superfície do quintal fazendo sombra por toda a parte, até não nos faltam morangos, de que demos presentes ao Sr. Abade, ao Sr. José Maria Pinheiro e às Irmãs do Porto.” (Caixa 27, correio familiar)

Esta casa que as Irmãs habitaram é de extrema importância na historiografia da Congregação, pois foi ali que o Dr. Formigão acalentou o vivo desejo do ideal de reparação ser vivido também pelos sacerdotes. O ramo feminino já o fazia por meio da sua Comunidade; a vivência desta espiritualidade através dos leigos, embora ainda que incipiente, lá ia sendo realizada pelas “Irmãs” Oblatas. Faltava ainda outro grande sonho: o da fundação dos padres reparadores. Este seu desejo de ver sacerdotes reunidos em Comunidade, vivendo esse carisma específico, é contemporâneo da fundação da Congregação feminina, em 1926. Disso, havia inclusive falado com o Cardeal Cerejeira, mas, pelas contingências da separação das Obras, em maio de 1934, o Dr. Formigão afastou para segundo plano esse objetivo, dedicando-se exclusivamente no apoio espiritual às suas Irmãs.

No dia de Santo Agostinho, 28 de agosto de 1950, falou pela primeira vez do projeto da nova Congregação, pedindo por essa intenção orações e sacrifícios. Em setembro voltou para Figueiró onde começou a traçar o plano geral e especial da nova Congregação e respetivas Constituições, o que lhe exigiu grandes sacrifícios, porque o seu estado de saúde se agravou muitíssimo. No dia 6 de janeiro do ano seguinte, foi a Fátima passar 25.^o aniversário da Fundação da Congregação, e no regresso a Figueiró, a 24 ou 25 de janeiro, parou no Porto. E por ordem do seu diretor espiritual, o Rev.^o Pe. Faustino de Sousa, Franciscano, foi expor o plano da nova Congregação masculina ao senhor D. Agostinho de Jesus e Sousa, venerando Prelado da Diocese.

As Constituições ficaram finalmente concluídas em junho desse ano de 1952, tendo sido recebido a 28 desse mês por D. Agostinho de Jesus. Depois de as ler, afirmou-lhe que estavam muito bem escritas, e que por ele, estavam aprovadas. No entanto, considerava que a nova Fundação, não devia ser feita no Porto, mas na Cova da Iria, dando continuidade à Obra Reparadora de Fátima, que nessa época estava em franco florescimento, e que disso, ia dar conhecimento a D. José Alves Correia da Silva. Chamar-se-ia Congregação dos Missionários Reparadores de Fátima.

Desde março, que a Madre Cecília ia pedindo a várias comunidades de religiosas e a muitas pessoas piedosas orações, por intenção dessa nova Congregação. Com a mesma fi-

nalidade foram celebradas missas no dia do Sagrado Coração de Jesus, 2 de julho, em Paray-le-Monial, no Carmelo de Coimbra, com a assistência da Ir. Lúcia, a única vidente sobrevivente; na Capelinha das Aparições, e na casa de Nossa Senhora das Dores, em Fátima; no monumento do Sagrado Coração de Jesus, em Lisboa; e ainda no Lar Nossa Senhora de Fátima, no Porto. No dia seguinte, 29 de junho, chega à Cova da Iria, e no dia 4 de julho o Fundador entrega o documento nas mãos do Bispo de Leiria. Quatro dias depois, surge em Fátima o Pe. Júlio Mandelli, Subsecretário da Sagrada Congregação dos Religiosos, que se encontrou com o Dr. Formigão, tendo-lhe falado das novas Constituições. Depois de as ter lido asseverou-lhe que as enviasse quanto antes para Roma, pois tinham uma finalidade muito boa e atual para a Igreja, sobretudo no capítulo em que se refere às “Comunidades Eclesiais”, por dizer respeito aos sacerdotes, que exerciam o múnus como párocos. Depois destes encontros providenciais, o Fundador iniciou diligências para executar o que lhe parecia ser a vontade de Deus, tendo contactado vários sacerdotes que se dispuseram a fazer uma experiência.

Agora era necessária uma casa. No lugar da Moita Redonda, localidade vizinha à Cova da Iria, encontrava-se uma casa desabitada que parecia servir para o início da pequena Comunidade. Antes de fazer o contrato, dirigiu-se ao Bispo de Leiria comunicando-lhe as *démarches* já realizadas, pedindo-lhe autorização para iniciar a Obra. Mas aquele Prelado, com a prudência que lhe era peculiar, embora considerando essa hipótese, pareceu-lhe que não era a época mais oportuna para concretizar a ideia. O bom Cónego sofreu muito com essa decisão, mas aceitou-a com verdadeiro espírito de fé e de obediência, como sempre fizera ao longo da sua vida.

Em princípios de dezembro de 1954, o Dr. Formigão abandona Figueiró, e veio instalar-se definitivamente em Fátima e passar o resto dos seus dias, naquela terra abençoada. Vinte anos antes, na difícil altura em que se discutia a separação da Obra, escrevia assim a D. José: “*Eu desejo ardentemente, agora mais do que nunca (...) ir para Fátima. Sempre acaricieei essa ideia: a ideia de passar os últimos anos da minha vida e de morrer aos pés de Nossa Senhora de Fátima, no seu Santuário bendito.*” Estava assim a cumprir-se a sua derradeira vontade.

Entretanto o tempo foi passando, e a sua pretensão de fundar a Congregação masculina não se pode concretizar devido à trombose que o atingiu. Acreditamos que na altura própria, esta Obra Reparadora complementar da “resposta” sentida pelo Dr. Formigão aos apelos de Deus, na Mensagem transmitida por Nossa Senhora, nas suas aparições em Fátima, virá a existir e cumprir a sua missão, se assim for a Sua vontade.

Rafael José Antunes Marques
Membro da Obra Reparadora de Fátima

Manual de Reparação

O cuidado do outro e o cuidado de Deus

PEDRO VALINHO

[Fotos_ Stella]

Post Scriptum.

A reparação não é coisa de heróis

Quem suspeitaria que nas vidas tão simples e tão breves de duas crianças se pudesse entrever a «medida completa da plenitude de Cristo» (Ef 4,13)? No nosso mundo, até mesmo em igreja, continuamos a exaltar a figura do herói com a qual alimentamos o nosso imaginário. O herói é aquele protagonista da história que não falha, que não pode falhar, porque o léxico com que trabalha não é o do perdão, mas o do sucesso.

O estilo destas crianças não é o do herói, mas do santo. O santo é de outra estirpe. É aquele que não vive a tirania da eficácia e da conquista, porque sabe que a história não depende de si, nem gira fundamentalmente em torno de si mesmo. O santo sabe até que, quando falhar – porque, sim, o santo vai falhar –, pode contar com o perdão daquele que é o Protagonista da História.

As vidas de Francisco e Jacinta têm essa força profética de colocar diante dos nossos olhos o estilo que há de transformar o mundo. Estas duas crianças – na história da igreja, as primeiras crianças não-mártires cuja maturidade de fé foi reconhecida – vivem completamente dedicadas a Deus e aos homens: o Francisco, coração contemplativo, admirador da beleza de Deus, e a Jacinta, coração compassivo, disposta a dar-se toda pelo bem dos que mais precisam de amor. Juntos, os irmãos Marto fazem uma boa síntese do que a Igreja é chamada a ser: fiel na contemplação e na compaixão.

Contemplar traduz-se em colocar continuamente a vida diante de Deus, aprender d'Ele o jeito de ser até respirar Deus por todos os poros. Quando isso acontece, a compaixão é consequência natural: aquele que vive de Deus, vive como Deus, vive ao ritmo do Deus compassivo e misericordioso e nenhuma dor humana lhe é alheia; por isso, se compromete até ao extremo, até à doação da própria vida.

Talvez seja precisamente este o rosto que define estas crianças. Talvez seja também este o rosto o que há a viver, hoje, em igreja: voltar a encher o olhar e a vida de



Deus, pela contemplação, que conduzirá necessariamente ao cuidado dos outros, particularmente dos mais frágeis, pela compaixão. É o estilo que nos conduz de volta ao coração do evangelho: desafia-nos à conversão e ao dom; chama-nos à transformação gradual do mundo, através de uma vida eucarística, pela oração e o sacrifício, pela consagração do tempo e do espaço ao Senhor; desafia-nos a confiar na misericórdia



de Deus, porque vivemos no tempo da esperança. Nas vidas de Francisco e Jacinta encontramos precisamente este coração de misericórdia, graça e esperança, que está no coração do evangelho. Porque eles compreenderam bem que nenhuma outra história valia a pena senão a história do evangelho. O herói é a figura do sucesso e da vitória. O santo é a figura da simplicidade e do compromisso. A Igreja, que não é chamada

a ter sucesso ou a vencer sobre o mundo, poderá ter muito a aprender destas vidas que são sinal de santidade simples.

Recordo o relato de Lúcia, nas suas *Memórias*, das visitas que fez à Jacinta internada no Hospital de Ourém: *«Perguntei-lhe, então, se sofria muito.*

– Sofro, sim; mas ofereço tudo pelos pecadores e para reparar o Imaculado Coração de Maria.

Depois falou com entusiasmo de Nosso Senhor e de Nossa Senhora e dizia:

– Gosto tanto de sofrer por Seu amor! Para dar-Lhes gosto! Eles gostam muito de quem sofre para converter os pecadores.

Esse tempo destinado para a visita passou rápido; e minha tia lá estava para me levar. Perguntou à sua filhinha se queria alguma coisa. Pediu para me trazer outra vez, quando voltasse a vê-la. E minha boa tia, que queria dar gosto à sua filhinha, lá me levou uma segunda vez. Encontrei-a com a mesma alegria por sofrer por amor de nosso bom Deus, do Imaculado Coração de Maria, pelos pecadores e pelo Santo Padre; era o seu ideal, era no que falava».

Num mundo imerso em violência e sem sentido, num mundo que perdeu de vista a história que dá sentido a todas as outras histórias, a missão dos discípulos de Cristo é a de dar carne à história de Deus. Isso significa que o cristão é aquele que vive e sente e pensa e se move com o horizonte de Deus a envolvê-lo por todos os poros. É essa a lição de vida de Francisco e Jacinta, como bem recorda Lúcia a respeito da Jacinta: ***«era o seu ideal, era no que falava».***

Doutor Pedro Valinho Gomes

Diretor do departamento para o acolhimento de peregrinos

Venerável Cónego Formigão

A serena santidade e Ação Reparadora

MARGARIDA RÉZIO

[Fotos_ Stella]

Neste ano que terminou, em 30 de janeiro de 2018, completaram-se 60 anos sobre a morte do Venerável Cónego Manuel Nunes Formigão. Foi Cónego da Sé Patriarcal, Fundador da Congregação das Irmãs Reparadoras de Fátima, Juiz da Relação no Patriarcado e Apóstolo de Fátima. Entre os seus 12 e 18 anos (1895-1901), o jovem Manuel Nunes Formigão viveu e estudou entre o Seminário Menor de Farrobo e o Seminário Maior de Santarém. No final da sua permanência ali, foi enviado para Roma, onde recebeu a Ordenação Sacerdotal, após concluir os estudos em Direito Canónico, Doutorou-se em Teologia (1908), na Universidade Gregoriana de Roma. No ano seguinte (julho/setembro), esteve ao serviço do Santuário de Nossa Senhora de Lourdes, em França, regressando a Portugal em outubro, onde iniciou a sua atividade de docente como Professor, no Seminário de Santarém.

Depois da sua ordenação sacerdotal e durante toda a vida subsequente, a Missa, a pastoral da saúde, e, a devoção a Nossa Senhora operam no sentido de unificar a identidade de Manuel Nunes Formigão, recompor uma personalidade naturalmente levada a interferir nos muitos factos que acontecem em seu redor, entre tempos de recolhimento, retiro, docência e orientações espirituais.

O Padre Formigão, da espiritualidade Mariana passa às fontes que alimentam o Teólogo na dimensão cristológica, no íntimo das suas medi-

tações, e que nele despertam na mais pura autenticidade evangélica, energias espirituais, envolto na gentileza de uma personalidade sempre agradável, comunicativa, com silêncio, com subtileza, descrição e sem alarde, com fidelidade ao Evangelho.

Da sua vida espiritual, sobressai uma serena santidade, que brota da vivência cristã desde a sua infância através dos valores cristãos incutidos pela família, na casa paterna, e, da cultura formativa no Seminário como fatores determinantes da construção de uma espiritualidade sacerdotal e apostólica fundacional contemplativa. Uma vida interior de amor a Deus, vivida em dedicação total à Igreja, nos tempos conturbados em que, os seminários foram encerrados, o clero e a igreja perseguidos. Uma manifestação de heroicidade, que se torna relevante para a compreensão do seu agir apostólico, sobretudo, a partir de 1917, quando se deram as Aparições na Cova da Iria, em Fátima.

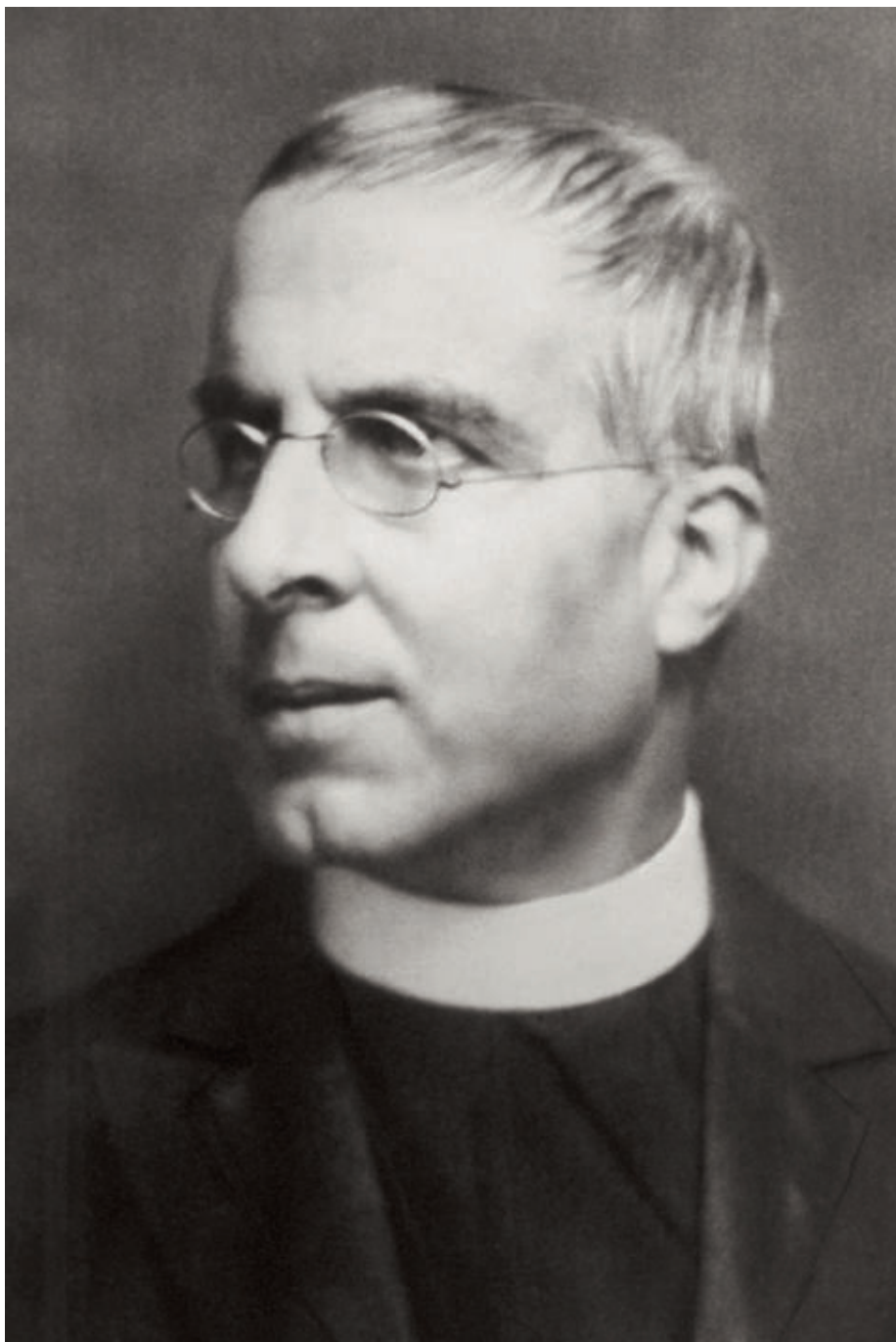
Ora, é aqui que reside toda a novidade do posicionamento do jovem sacerdote, então com 34 anos, profundamente conhecedor da espiritualidade mariana. Ao sentir dentro de si o interesse por tudo o que acontecia ao seu redor, na data da 5ª aparição de Nossa Senhora, Fátima, 13 de setembro 1917, e, para não correr o perigo de se envolver em polémicas deslocou-se discretamente à Cova da Iria, onde observou a movimentação como um padre diferente, discreto, em franco contraste com a concorrência ao lugar.

O Padre Manuel Nunes Formigão desenvolveu aos poucos uma extraordinária capacidade de observar, ou seja, de concluir sobre a realidade a partir de um método científico para chegar a uma conclusão com o distanciamento necessário, que lhe permitiu perceber a vivência da espiritualidade infantil do amor por Jesus e por Nossa Senhora, que as crianças videntes, se propunham reparar através da Mensagem de Fátima.

Conseguindo perceber inteligentemente a diferença de pensamento através de vários interrogatórios aos pastorinhos, Manuel Nunes Formigão, foi capaz com sabedoria cristã praticar e falar do Evangelho, a partir da «Reparação» quando em fevereiro de 1920 lhe foi comunicado, da parte da Jacinta a Mensagem de Nossa Senhora.

Desse modo, sustenta como ele mesmo explicou certa vez, «a sua compreensão do plano da *reparação proposto por Nossa Senhora à vidente Jacinta (...) Bendito seja Nosso Senhor! Bendita seja sua Mãe Santíssima! A missão da querida Betânia de Fátima é uma missão encantadora e sublime: consolar junto do maior Santuário do mundo Jesus-Hóstia das ofensas e ingratidões dos homens e Maria Santíssima nas suas amarguras*».

Trata-se de um documento pouco conhecido, mas relevante para a compreensão da sua importância em termos fundacionais contemplativos, ou seja, para além da instituição católica, a «Reparação» constitui algo inteiramente novo, no agir apostólico do Cónego Manuel Formigão. E continua sendo



novo na atualidade. Impossível falar na sua espiritualidade, sem fazer menção a essa sua prática espiritual reparadora, além de apostólica. Estamos assim diante de um facto consistente, que dá testemunho à sua enorme produção literária, epistolar, cartas, poemas-meditação e orações.

Enfim, entender o Venerável Cónego Manuel Nunes Formigão não é possível sem tomar em conta a concatenação, desde a vida no seminário, as vivências depois da ordenação Sacerdotal e a revelação feita por Santa Jacinta, entre os três fatores carismáticos: espiritualidade Cristocêntrica, espiritualidade Mariana e Reparação.

O Cónego Formigão, é, porém, ainda mais conhecido pela sua missão apostólica da Mensagem de Fátima. A sua virtude foi duramente posta à prova e sempre se mostrou totalmente obediente, simples, humilde, paciente, conformado com a Vontade de Deus.

A realidade da missão do Apóstolo de Nossa Senhora de Fátima será dada a conhecer na exposição a realizar no Museu de Arte Sacra e Etnologia de Fátima – Missionários da Consolata, a partir de fevereiro, neste ano 2019, em que os Missionários da Consolata celebram os 75 anos da sua fundação em Portugal, pelo Padre João De Marchi.

Dr^a Maria Margarida Rézio
Socióloga e Pós-Doutorada em História Religiosa

Continuamos nesta edição da STELLA a publicar os ecos da Comunicação Social acerca da notícia que enriqueceu e alegrou a Igreja universal, as comunidades, grupos e a todos os que ao Venerável Padre Formigão têm referências e devoção de amizade, de mestre espiritual, de homem sábio acerca da vida ou seguidores do carisma fundacional que Maria, a Senhora da Mensagem de Fátima, lhe confiou...

Nesta edição, pretendemos divulgar o que a Comunicação Social de Tomar, sua terra Natal, propagou aos seus leitores e cidadãos.

29 Junho 2019 | **Crónica - Tomar** | ATUALIDADE

Papa abre caminho a beatificação de sacerdote tomarense Manuel Formigão

O Papa aprovou a publicação de um decreto que abre caminho à beatificação do sacerdote português Manuel Formigão, figura central na investigação e divulgação das Aparições na Cova da Iria.

O Papa Francisco teve uma audiência com o presidente da Congregação para as Causas dos Santos, o cardeal Angelo Amato, autorizando a promulgação do decreto que reconhece as virtudes heroicas do sacerdote diocesano Manuel Nunes Formigão, fundador da Congregação das Irmãs Reparadoras da Nossa Senhora de Fátima.



Segundo a agência Ecclesia, este é um passo central no processo que leva à proclamação de um fiel católico como beato, penúltima etapa para a declaração da santidade; para a beatificação, exige-se o reconhecimento de um

milagre atribuído à intercessão do agora venerável Manuel Formigão.

Manuel Nunes Formigão nasceu a 1 de janeiro de 1883, em Tomar, seu pai era oficial do exército e vivia no Convento de Cristo numa área para oficiais. Seus pais eram Manuel Nunes Formigão e Maria da Piedade Mendes Dias. Foi ordenado padre em Roma, a 4 de abril de 1908, após ter estudado Teologia e Direito Canónico na universidade. É familiar de António Lopes Carraço, natural de Pego, Abrantes, e professor aposentado em Ferreira de Zêzere.

Com as aparições de Fátima, em 1917, recebeu o convite do arcebispo de Mitilene para investigar a ocorrência e estar presente na 5.ª aparição (setembro) na Cova da Iria; efetua vários interrogatórios aos videntes que são a primeira fonte com que de imediato divulga o acontecimento de Fátima. Nesse mesmo ano é nomeado professor de Teologia do Seminário de Santarém. "Mais que admirado pelos" seus alunos, o jovem professor era por eles muito estimado. Não era o professor que arrastava sem convencer. Era o pedagogo que convencia pela clareza com que expunha os temas, pela ponderação e pelo método que utilizava".

Há nomes que são um programa de vida, o de Manuel Nunes Formigão é um deles. Este tomarense, nascido no primeiro dia de 1883, foi nas palavras de D. Manuel Mendes da Conceição, "uma trombeta de Deus". Depois de batizado na Igreja de João Baptista, na cidade do Nabão, no mesmo ano de nascimento, Manuel Nunes Formigão faz os estudos superiores, em Roma, e é ordenado presbítero naquela cidade italiana a 4 de abril de 1908.

É laureado em Teologia e Direito Canónico pela Universidade Gregoriana e regressa a Portugal em agosto do ano seguinte à ordenação. Na viagem para a sua pátria natal faz uma paragem em Lourdes (França) e, aos pés da Virgem, compromete-se a divulgar a devoção mariana, em Portugal. No mês de outubro de 1910 caía o Antigo Regime e implantava-se a República no nosso país. Durante anos, em virtude dos movimentos revolucionários e da perseguição desencadeada contra a Igreja, não se puderam realizar peregrinações aos Santuários estrangeiros. Só volta ao Santuário

francês em 1914 para participar no Congresso Eucarístico Internacional.

Em 1918 exerce a docência de várias disciplinas no Liceu Sá da Bandeira, em Santarém, onde funda a «Associação Nun'Álvares» e efetua vários interrogatórios aos videntes que são a primeira fonte com que de imediato divulga o acontecimento de Fátima. Desse ano a 1956, a sua pena veloz e mestria literária não param ao serviço de Nossa Senhora e da sua Mensagem. Faleceu a 30 de janeiro de 1958.

Das várias vezes que esteve no Santuário de Lourdes, o cónego Nunes Formigão prometeu consagrar a sua vida a espalhar a devoção a Nossa Senhora na sua pátria. Quando ouviu falar das aparições na Cova da Iria a três crianças, tomou duas atitudes continuadas: a de não ligar importância ao assunto, mas que o facto deveria ser estudado, dado verificar-se uma afluência sempre crescente ao local das aparições.

A imprensa liberal – «O Século» e o «Diário de Notícias» – relatavam os acontecimentos de Fátima. No entanto, ao saber da prisão dos pequenos pastores (agosto de 1917), falou do assunto ao cardeal patriarca de então e chegou à conclusão que deveria observar o fenómeno no local. O desejo de ir ao local no mês de setembro estava generalizado em quase todo o país e o mesmo acontecia com o cónego Formigão.

Numa crónica de 11 de outubro de 1917, o jovem padre relata no jornal «A Guarda» o que presenciou: "Cedendo a um sentimento de curiosidade, justificada por factos tão extraordinários, embora sem lograr vencer de todo a repugnância que sentia em fazê-lo, pelo receio de parecer dar importância excessiva ao que talvez não passasse duma ridícula superstição, resolvi partir para Fátima, juntamente com alguns amigos". Não se aproximou muito do local das aparições e, "apenas constatei a diminuição da luz solar". Ele próprio confessa: "Regressei de Fátima mais cético, apesar de me ter comovido bastante ao testemunhar a fé ardente e a piedade sincera dos peregrinos".

Apesar do ceticismo inicial, o cónego Formigão voltou novamente a Fátima para conhecer pessoalmente os

videntes, interrogá-los e ouvir das testemunhas fidedignas a narração verídica dos episódios que se tinham verificado nos cinco meses precedentes. Feitos os primeiros interrogatórios, o cónego Nunes Formigão fica com uma impressão completamente diferente da que tinha antes. Sem chegar ainda à sobrenaturalidade dos factos, algo lhe fica indelevelmente na alma: a sinceridade dos videntes.

Na década de 20, colabora e põe de pé o periódico «Voz da Fátima» e escreve a obra «As grandes maravilhas de Fátima». Para ajudar na construção da Basílica escreve o livro «Fátima, o Paraíso na terra». Em 1931 sai a «A Pérola de Portugal» e cinco anos depois «Fé e Pátria». "Através da sua ação e da sua pena ao serviço da Igreja e dos acontecimentos de Fátima, o cónego Formigão antecipou-se à Igreja que bem serviu. Depois dos Pastorinhos, o padre Formigão foi o instrumento escolhido por Nossa Senhora para garantir a autenticidade desses acontecimentos" – escreveu D. João Pereira Venâncio, 2.º Bispo de Leiria.

Devido à fama de santidade, a Conferência Episcopal Portuguesa concedeu a anuência (a 16 de novembro de 2000) para a introdução da causa de beatificação e canonização deste apóstolo de Fátima. A clausura do processo diocesano de canonização realizou-se a 16 de abril de 2005. Depois de lidas as atas de encerramento do processo, foram fechadas e lacradas as 20 caixas que contêm as provas recolhidas durante esta fase instrutória, num total de mais de seis mil páginas.

No passado dia 28 de janeiro deste ano decorreu a cerimónia de transladação dos restos mortais do padre Manuel Nunes Formigão, conhecido como «o apóstolo de Fátima», do cemitério local para um mausoléu construído na Casa de Nossa Senhora das Dores.

António Freitas com
Agência Ecclesia

Ecoss da Peregrinação - 2

MARIA DO CARMO FRAZÃO

[Foto_ Stella]

...Seis dias da nossa peregrinação foram passados no país da Polónia. Conhecemos várias cidades depois de WROCLAW: AUSCHWITZ, WADOWICE, CRACÓVIA, ZAKOPANE, CZESTOCHOWA, ZELAZOWA WOLA, NIEPOKALANOW e, por fim, a cidade Capital da Polónia, VARSÓVIA.

Ao longo de várias centenas de quilómetros percorridos, com diversas paragens para explorar e observar, alimentar e descansar, constatámos com os nossos olhos e emoção sinais dos maiores dramas vividos pela humanidade: a força do mal que existe no homem quando pratica os crimes mais hediondos como nos campos de extermínio em AWSCHWITZ e BIRKNAU, lugar de memória e museu, no centro da nossa Europa, onde nunca imaginava que fosse possível tais atrocidades, contra judeus, ciganos, polacos, sacerdotes e outras nacionalidades. Uma autêntica fábrica da morte. Mais de um milhão de pessoas foram mortas. O padre Maximiliano Kolbe era franciscano, de um humanismo extremo. Ao ver um simples homem, que implorava misericórdia porque era pai de família, prestes a ser executado, ofereceu sem hesitação, a sua própria vida por ele. Na fila onde se encontravam, ouviu do carrasco a sentença que 10 dos prisioneiros iriam para a câmara de gás porque um prisioneiro tinha conseguido fugir. Maximiliano deu um passo em frente e disse para os carrascos: “Eu quero ir no lugar deste homem”. Mais tarde, Maximiliano foi Canonizado por São João Paulo II, com a presença desse pai de família, na Praça de S. Pedro, pois sobreviveu a todos os horrores. A destruição e o renascimento de uma sociedade inteira, a coragem e a solidariedade de muitos (apenas 7000 foram libertados pelo Exército Vermelho, em janeiro de 1945) ajudaram a reerguer das cinzas um País; o sofrimento, a dor de um povo até à exaustão e a resistência de um povo alimentada pela fé e pela esperança, que não baixa os braços, em busca de liberdade civil, religiosa e

económica. Um País mártir pelo nazismo da Alemanha e, a seguir, pela «cortina de ferro» da Rússia.

Os polacos recordam o tempo do comunismo com muita mágoa. Dizem que foi um tempo horrível. Havia filas para tudo. Era tudo racionado. As lojas estavam vazias. Ninguém podia sair do país, a não ser para outro país igualmente comunista. Eram todos prisioneiros no seu país. A partir dos anos 90 iniciou-se a mudança. A Polónia virou uma república democrática. No início, tiveram alguns problemas; mas, depois entrou-se na realidade. Acabaram os empregos de fachada próprios das realidades comunistas e começou a aparecer o real desemprego. Foi um choque para muitos, como qualquer mudança, mas aos poucos tudo começou a melhorar. No dia onze de novembro a Polónia era independente.

Hoje, as coisas estão muito diferentes. Os Polacos levantaram a cabeça, com a ajuda da sua querida Virgem Negra. Trabalharam muito, lutaram muito, quiseram muito e, hoje, são um povo respeitado e considerado em todo o mundo.

Hoje, a Polónia é considerada um país desenvolvido a nível mundial.

Dois acontecimentos foram cruciais para a derroca da do regime comunista na URSS e nos países satélites como a Polónia: A eleição do Cardeal Karol Wojtyla, em 1978, como Papa da Igreja Católica, e a sua primeira visita à Polónia, seu país de origem, em 1979. A influência do Papa João Paulo II, fez-se sentir particularmente, no Bloco comunista depois da sua primeira viagem Pastoral.

Esta peregrinação pela Polónia, ajudou-nos a perceber melhor a importância da ação de São João Paulo II, na transformação da sociedade da Europa central e na Igreja. Nas cidades que visitámos, a sua presença impõe-se, pelas figuras escultóricas em cada cidade, e pela história de vida, que se encontra contada de múltiplas formas. Em WADOWICE – Terra Natal de São João Paulo II, tivemos a feliz oportunidade de visitar a casa da família Wojtyla, onde nasceu. Hoje está transformada em museu, que retrata com pormenor e arte, a sua longa e profícua vida de 84 anos. Visitámos também a sua Igreja Paroquial e, no café, ao lado da casa, saboreámos os famosos bolos do Papa João Paulo II.



Na cidade de CRACÓVIA, viveu como Arcebispo e, depois de alguns anos, como Cardeal, e onde suportou os cinco anos de ocupação, durante a 2ª guerra Mundial, com aprisionamentos, capturas nas ruas e, encaminhamento para trabalhos forçados. Recordo o secretário pessoal de João Paulo II, Cardeal Sanislav: «Perto da entrada do edifício da arquidiocese, encontrava-se permanentemente automóveis dos serviços secretos, aos quais Karol Voityla chamava “os anjos da guarda” e abençoava sempre. “É agradável quando te prestam atenção” – dizia ele olhando pela janela. Todos os seus discursos eram gravados por agentes dos serviços secretos e analisados “onde era necessário”».

Na cidade de CRACÓVIA, visitámos ainda o Castelo Real, que fica na colina lindíssima de Wawel, com um jardim magnífico, a Catedral, a Igreja de Santa Maria, a Praça Velha com o Mercado dos tecidos, a universidade mais antiga, fundada 1400, num lindo edifício Barroco, a Sinagoga Velha, a mais antiga conservada em Cracóvia, desde o séc. XV e XVI. Também entrámos na casa onde Karol estudou clandestinamente, hoje um Santuário, muito bonito e interessante, dedicado a São João Paulo II, onde se encontra exposta a batina branca com as manchas de sangue, que trazia vestida, aquando do atentado, em Roma, e painéis com várias passagens bíblicas construídas pelo célebre artista P. Marco Rupnic, Esloveno. A uns cinco quilómetros, fica o Santuário da Misericórdia Divina, Igreja de peregrinação acerca da atividade da Santa Ir. Faustina Kowalska, que visitámos com muito agrado e devoção. Depois do almoço, a visita à Mina de Sal

de WIELICKZA com as suas capelas, galerias e esculturas de sal, efetuadas pelos mineiros. A 135 metros de profundidade encontra-se a Basílica de Santa Kinga, adornada com as mais belas esculturas da vida de Jesus, e lá se encontra também a de São João Paulo II.

A presença de João Paulo II encontra-se ainda nos montes Tatras que fazem parte da cordilheira dos Cárpatos. É um ótimo centro de férias com neve. É uma paisagem lindíssima, onde São João Paulo II costumava passar férias, e fazer sky, nas montanhas de neve. Ele sentia-se tão bem neste lugar que dizia: “Aqui, sinto-me mais perto do céu”.

ZAKOPANE é uma cidade turística situada no vale entre as maiores montanhas da Polónia. Aqui, encontra-se o Santuário de Nossa Senhora de Fátima, inaugurado após o atentado ao Papa e, em ação de graças, por ter sobrevivido ao mesmo. Desde os primeiros momentos após o ataque na Praça de S. Pedro, os fiéis vinham orar, pela salvação do Santo Padre. Ficou decidido que, se Deus quisesse salvar a vida de João Paulo II, seria construída uma Igreja de ação de graças pela vida do Pastor Supremo. Foi uma surpresa enorme encontrar aqui, na Polónia, representada a história das Aparições de Nossa Senhora de Fátima e dos três Pastorinhos. Tão longe de Portugal!

Maria do Carmo Frazão
Participante na Peregrinação

ECOS DA PEREGRINAÇÃO - 3

MARIA DO CARMO FRAZÃO



Frederico Chopin é polaco de alma e coração. Nasceu na aldeia de ZELAZOWA WOLA, Ducado de Varsóvia. É amplamente conhecido como um dos maiores compositores para piano e um dos pianistas mais importantes da história. Depois da visita à sua casa natal que fica situada no meio de um grande jardim maravilhoso. Fizemos o percurso de forma descontraída, gozando dos recantos originais em verdura, que se espalhavam por todo o jardim.

De seguida, continuámos a nossa peregrinação, para NIEPOKALANOW, até “a Cidade da Imaculada”, onde vive uma comunidade de padres Franciscanos. Visitámos a Basílica e o museu da vida de S. Maximiliano Kolbe e, percorremos a história do sofrimento, que passou no campo de concentração, em Auschwitz, com o nº 16670 na sua triste farda às riscas brancas e azuis de prisioneiro, e de todos os outros padres do convento que foram forçados a abandonar às ordens de Hitler, e que vieram a morrer nas câmaras de gás.

E quase a chegar o fim da nossa peregrinação chegámos a VARSÓVIA, a capital mais jovem da Europa.

Após o pequeno-almoço, fizemos uma visita panorâmica à capital da Polónia, passando pelos locais mais emblemáticos. Ficamos maravilhados! VARSÓVIA é uma cidade imponente com dezoito bairros e dividida em duas partes, pelo rio Fístula.



No século XV, os primeiros judeus chegaram a VARSÓVIA, e começaram a receber terras para cultivar. Cresceram imenso e pensaram fazer a “Nova Jerusalém”. Hoje existe nesta cidade a Avenida de Jerusalém que atravessa a cidade, e onde se encontra a única palmeira que existe na Polónia. É artificial, e é considerada uma obra de arte no centro da avenida. O artista esteve em Jerusalém, viu várias palmeiras e resolveu fazer uma na Polónia. Hoje é um ponto de referência. É ótimo passear por aqui, sobretudo à noite. A iluminação é deslumbrante!

A parte arquitetónica é composta de grandes arranha-céus, e o monumento mais alto e mais imponente, é uma Torre construída com 237 metros de altura, oferecida aos polacos pelos soviéticos, para lembrar os dez anos de comunismo, na Polónia. Hoje é o palácio da cultura e da ciência. É um símbolo russo que os polacos, apesar de tudo, resolveram conservar.

VARSÓVIA é uma cidade muito verde. Tem vários jardins. O maior pertenceu ao último rei. No jardim real, existe uma grande estátua de Frederico Chopin, debaixo de um chorão, a sua árvore preferida, e bancos espalhados pelo jardim. Basta sentar e premir um botão para ficar descansado, a ouvir várias músicas de Chopin.

[Fotos_Stella]





PEREGRINAÇÃO REPARADORA **TERRA SANTA**

Visitando:

Tel Aviv, Haifa: Cesareia, Monte Carmelo... Tibérias: Lago de Tiberíades
Cafarnaum; Sinagoga, Tabgha, Monte Tabor, Nazaré: Caná, Vale do
Jordão...; Jericó: Mar Morto, Deserto da Judeia...; Belém...

Jerusalém...

24 a 31 agosto de 2019

8 dias de viagem

Organizada pela revista STELLA
Acompanhada pelo Pe. Augusto

ESTATUTO EDITORIAL

Stella é uma publicação trimestral, sem fins lucrativos e de interesse público.

É propriedade da Congregação das Irmãs Reparadoras de Nossa Senhora de Fátima. Stella nasceu vinculada às aparições de Nossa Senhora de Fátima e tem como objetivo principal divulgar a sua Mensagem.

Stella procura interpretar, no respeito pela verdade, os acontecimentos mais relevantes da religião, do país e do mundo à luz da mensagem cristã ensinada pela Igreja Católica.

Stella orienta-se por uma ética de independência e isenção de quaisquer forças económicas, ideológicas ou políticas.

Stella rege-se pelo cumprimento das normas éticas e deontológicas do jornalismo, desde que compatíveis com os seus princípios fundamentais.

Stella recorrerá à legislação vigente para proteger os seus direitos.

STELLA

CAMPANHA DE ANGARIAÇÃO DE ASSINATURAS

Precisamos de mais assinantes para a nossa revista STELLA!

Venho lembrar que uma maneira interessante de se conseguir mais assinantes será fazer a oferta de uma assinatura a alguém a quem queremos dar um presente, e que goste de ler *Imprensa Cristã*, sobre Fátima e não só.

Nome completo

Morada

Código Postal País

Telefone Telemóvel

NIF Correio eletrónico

☐ Portugal – 10,00€	☐ Amigo – 20,00 €	☐ Estrangeiro – 20,00€
--	--	---

Pagamento: Vale de correio ou Cheque à ordem: Revista Stella

Enviar para: Revista Stella, Rua Francisco Marto, 203, CÓDIGO POSTAL 2495-448 FÁTIMA



Espaço Padre Formigão

Casa do Apóstolo de Fátima



Horário
todos os dias
9:00 – 18:00

Entrada Livre

Casa N.º S.ª das Dores – Irmãs
Reparadoras de N.º S.ª de Fátima
Rua Francisco Marto, 203
Fátima

marcação de visitas para grupos:
249539240

www.reparadorasfatima.pt



construções

divireis

Alvará nº 35593

www.divireis.pt

Av. Beato Nuno, Edf. Sol Nascente, n.º 348 B
Cova da Iria – 2495-401 FÁTIMA
Telf.: 249 531 211 • Fax. 249 538 357 • www.divireis.pt

MUITO MAIS QUE O SIMPLES OLHAR



rosa d'ouro

FÁTIMA Rua dos Monfortinos 249 530 080

NAZARÉ Rua dos Galeões | Edifício SolMar, loja 3 262 561 689

www.optica-rosadouro.pt



Coelho & Sá, L^{da}

INDÚSTRIA ALIMENTAR

**Padaria e confeitaria
conservas de frutos em calda e cristalizados
doces, frutas secas e amêndoas**

Rua Jacinta Marto, 78 – R/C – 2495-450 FÁTIMA
Tel. Fáb. 249 532 045 • Fax. 249 531 445
Serv. Com. 249 532 447 • coelhoesa@telepac.pt

COLORFOTO

□ ■ ■ FOTOGRAFIA E VIDEO



Colorfoto - Fotografia e Video

Morada Praça Paulo VI, n.º. 9 - 2495-409 Fátima

Telefone 249 533 828 E-mail colorfotofatima@sapo.pt

Rua de Santo António 2495-430 Fátima Tel: 249 530 110 Fax: 249 530 119 www.hotelstmaria.com info@hotelstmaria.com  Hotel Santa Maria FÁTIMA ★★★★		Avenida D. José Alves Correia da Silva 2495-402 Fátima Tel: 249 530 120 Fax: 249 530 129 www.hotelsaojose.com info@hotelsaojose.com hotel  são José FÁTIMA ★★★★	



A maior Paramentaria da Europa

PARAMENTARIA DE FÁTIMA



Estrada de Leiria – Apartado 70 | 2496-908 Fátima – Portugal | TELEF 249 532 350/1 – FAX 249 532 326 | www.artesacris.com • comercial@artesacris.com



pedo jovem

clínica médica e dentária

Diretora Clínica
Dra. Paula Marto



CONSULTAS_ 2ª a Sábado das 09h às 13h e das 14h às 20h

Edifício Três Reis, 14 - 1.º U, Rotunda Sul - Fátima * telf./fax 249 531 275 * telm. 969512482 * email: pedojovem@hotmail.com



DAR GRAÇAS POR EM PEREGRINAR IGREJA

TEMPO DE GRAÇA E MISERICÓRDIA
ANO PASTORAL 2018-2019